

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

O PROCESSO DE COLA ENQUANTO FRAUDE ESCOLAR

Autora: Elisângela dos Santos Monteiro

Orientador: Prof. Me. Cesar Cristiano Belmar

JUINA/2015

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

O PROCESSO DE COLA ENQUANTO FRAUDE ESCOLAR

Autora: Elisângela dos Santos Monteiro

Orientador: Prof. Me. Cesar Cristiano Belmar

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Geografia, da AJES- Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Geografia.”

JUINA/2015

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JRUENA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Adriana Araújo de Lima

Profa. Dra. Iede Terezinha Zolinger

ORIENTADOR
Prof. Me. Cesar Cristiano Belmar

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado forças para chegar até o fim da graduação, mesmo quando pensava não dar mais conta de prosseguir. Por ter me mantido firme quando decidi desistir de tudo para ficar com meu filho que ainda pequeno tinha que deixar para estudar.

Em especial agradeço ao meu esposo Wellington que de certa forma me pressionou, e acabou me convencendo que era capaz de ir até o final sem desistir e sempre me deu apoio, mesmo quando nem eu mesma acreditava mais que conseguiria.

Devo minha gratidão as professoras Ana Letícia de Oliveira, Denise Peralta Lemes e Marina Silveira Lopes, que me ensinaram muito durante a graduação, inclusive a ser persistente e acreditar que sou capaz de ir longe. Bem a Marina meu agradecimento por através de suas pressões me mostrar que sempre o aluno sabe mais do que demonstra e as vezes não sabe disso. Através de seu carisma pude ver que poderia ir mais longe, e senti medo por não querer decepcioná-la, devido tudo o que esperava de mim enquanto acadêmica.

Ao meu orientador César Cristiano Belmar, agradeço pela paciência, pois em algumas orientações me encontrava preocupada por não saber mais o que escrever e você sempre me dava uma “luz”.

DEDICATÓRIA

Ao meu filho Eduardo que nasceu durante minha graduação e acabou ficando longe de meus braços por muito tempo, para que eu pudesse termina-la. Por ter perdido grande parte de minhas caricias quando ele mais precisava, devido estar sempre ocupada com trabalhos acadêmicos e principalmente por apesar de tudo, sempre colocar um sorriso em meu rosto, mesmo quando por algum motivo estava triste ou brava.

A “crise da educação” que tanto se discute em nossos dias não é absolutamente nova. A história da educação sempre esteve repleta de períodos cruciais nos quais se tornou evidente que pressupostos e estratégias experimentadas e em aparência confiáveis estavam perdendo contato com a realidade e precisavam ser revistos ou reformados.

(Zygmunt Bauman, 2011)

RESUMO

Atualmente vive-se cercado por diversos tipos de fraudes e a educação não tornou-se uma exceção. Mascarada pelo sistema precário, a cola esteve presente em diversas épocas, modificando apenas suas técnicas, para dificultar a descoberta. Amplamente utilizada pelo corpo estudantil a mesma possui como objetivo mascarar as dificuldades de aprendizagem e proporcionar ao usuário uma nota avaliativa elevada. Os estudantes não identificam na fraude escolar as desvantagens, exceto o medo do fragorante que lhes ocasiona perda de nota e prestígio. Torna-se uma tarefa difícil para o docente impedir a cola em sala de aula, principalmente em tempos de diversificação tecnológica, no qual o aluno pensa não ser necessário estudar, por entender a existência de aparelhos que guardam as informações para si. A cola tende a fragmentar o conhecimento, pois no momento em que a pratica, o aluno esconde suas verdadeiras dificuldades de compreensão. Uma vez aprovado espera-se que o aluno tenha aprendido os conhecimentos referentes àquela série, caso isso não tenha ocorrido, esse indivíduo apresentará maiores dificuldades em compreender os conceitos posteriores. A aprendizagem para que se torne efetivamente concreta é necessário que lhe atribua significados coletivos e individuais. Em sua maioria, os conhecimentos adquiridos pelos seres humanos ocorrem de forma mecânica, ou seja, por memorização sem significado. É na aprendizagem mecânica que ocorre a prática da cola. Em muitos casos, os alunos apenas procuram guardar o conteúdo até o dia da avaliação, descartando-o logo em seguida. Nesse contexto, foi desenvolvida uma pesquisa de abordagem qualitativa e foi encaminhada como um estudo descritivo-explicativo. Os sujeitos investigados foram dez alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio e dez acadêmicos do Curso de Licenciatura em Geografia. Os dados foram coletados por intermédio de questionários semiestruturados. Os resultados da pesquisa mostram que em ambos os ensinos os entrevistados apresentam uma visão fragmentada da fraude escolar. Em muitos casos os investigados nem acreditam que existam consequências negativas na prática da cola. Observou-se que a preocupação dos alunos, em sua maioria, é com a obtenção de notas para serem aprovados e não com o conhecimento adquirido.

Palavras-Chave: Cola. Dificuldades de aprendizagem. Aprendizagem significativa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplo de fraude.....	19
Figura 2: Faculdade AJES.....	32
Figura 3: Escola Estadual Dr. Artur Antunes Maciel.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Momento de ocorrência da cola	37
Gráfico 2: Opinião dos entrevistados sobre o uso da cola	38
Gráfico 3: Análise dos acadêmicos que colaram no E.M.	40
Gráfico 4: Questionamento realizado aos alunos do Ensino Médio sobre a desonestidade na cola.	43

SUMÁRIO

CAPÍTULO I	10
1. INTRODUÇÃO	10
1.1 OBSERVAÇÕES DE UMA ACADÊMICA	12
1.2 A PRÁTICA DA COLA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS	13
CAPÍTULO II	19
2. “COLA”: A FRAUDE NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR MODERNO	19
2.1 AS FALCATRUAS E O ENSINO-APRENDIZAGEM	20
2.2 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	22
2.3 O DESPERTAR DO SABER COM SIGNIFICADO	22
2.4 AS FRAUDES E A DESVALORIZAÇÃO DA ÉTICA	26
2.5 PLÁGIO OU COLA? REPENSANDO OS CONCEITOS	27
2.6 INFLUÊNCIA DOCENTE E FAMILIAR NO ENSINO	28
CAPÍTULO III	30
3. METODOLOGIA	30
3.1 O PLANEJAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	30
3.2 O LÓCUS DE PESQUISA	31
3.3 OS SUJEITOS DE PESQUISA	33
3.4 OS PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS	33
CAPÍTULO IV	35
4. PERCEPÇÃO ESTUDANTIL DAS FRAUDES ESCOLARES	35
4.1 A PERCEPÇÃO DO OBJETO NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS	35
4.2 O POSICIONAMENTO DOS ALUNOS PERANTE O USO DA COLA	38
4.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA COLA NA APRENDIZAGEM	41
CAPÍTULO V	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	51

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

As fraudes são elementos presentes em diversos setores sociais, inclusive na educação. A cola faz parte de uma cultura escolar constante, sendo possível observá-la em diferentes épocas, diferindo apenas os métodos utilizados. Os alunos pensam ser uma forma de “se dar bem”, de “tirar proveito”, muitos deixam de estudar para as avaliações, concursos e vestibulares, por acreditar ser mais proveitoso plagiar as respostas dos outros.

Segundo Silva et. al, (2006) as pessoas muitas vezes não medem esforços para ajudar as outras, mesmo que isso as prejudique. Acredita estar favorecendo um amigo em um momento de fragilidade, deixando de analisar as consequências de tal ato para ambos.

Inicialmente o primeiro fator observado por parte de quem fornece as respostas das atividades é a consequência de ser pego em flagrante, porém não idealiza desvantagens para o receptor, caso tudo ocorra como planejado. Em muitos casos é frequente a concessão de cola, pela busca do que Silva et. al (2004) chama de “imagem favorável” diante dos demais.

Dentro do contexto social em que a sociedade está, é possível analisar a redundância dos moldes criados para combater a cola e o fracasso dos profissionais. Os alunos são apenas proibidos de praticar o plágio, mas na maioria das vezes não é exposto a eles as consequências deste ato. É necessária a análise das interferências deste processo na construção social dos jovens, enquanto parte da sociedade em que estão inseridos.

A prática da fraude escolar não é encontrada apenas no Ensino Fundamental e Médio, mas também na Educação Superior. Os alunos sentem-se amparados pelas novas tecnologias, pensando não ser mais necessário o estudo teórico e o desenvolvimento de práticas de avaliação da aprendizagem.

Torna-se necessário a análise comparativa do número de adeptos as “práticas facilitadoras” em ambos os tipos de ensino, uma vez que dificilmente poderá ser observado com clareza o desempenho de um indivíduo exclusivamente pela nota de uma atividade, quando existem trocas de informação não permitidas. Imaginemos um profissional que colou durante toda a graduação assim, não adquiriu o certificado de conclusão por mérito como também não compreendeu os conteúdos trabalhados.

Dentre todas as fraudes praticadas dentro das instituições escolares de nível médio e superior, destacamos a cola e sua influência na construção social, pois além de não ser algo abordado por muitos autores, também não é um problema exposto nas instituições. É, portanto, fácil para o alunado reproduzir algo que muitas vezes não é punido e que favorece o alcance de seus objetivos.

Coloca-se em pauta as seguintes questões: (1) porque os alunos são coniventes com a prática da fraude escolar? (2) eles conseguem reconhecer as consequências dessa prática? (3) qual o papel desempenhado pelo indivíduo que recebe e o que fornece a cópia do material? (4) qual é a percepção que os estudantes possuem da cola?

Esta pesquisa apoia-se na hipótese de que os estudantes praticam a cola devido a existência de falhas presentes no ensino, não em questões governamentais, mas das próprias instituições educativas e da falta de conhecimento juvenil sobre o assunto. Na maioria das escolas os alunos são apenas informados da proibição de tal ato, sem conhecimento das consequências causadas por ele, sendo que em alguns casos os próprios professores tornam-se coniventes para a continuidade das fraudes, favorecendo o aumento do número de analfabetos funcionais no país.

Assim definida, a presente pesquisa tem o **objetivo geral** descrever e analisar os motivos pelos quais os alunos recorrem as fraudes escolares e as possíveis consequências desses atos no aprendizado dos mesmos.

Para atingir esse propósito, foram eleitos os seguintes **objetivos específicos**:

- a) Contextualizar a cola como um possível fator que causa dificuldades de aprendizagem;
- b) Identificar a percepção que os alunos e acadêmicos possuem a respeito da cola;
- c) Verificar eventuais pontos de convergência na percepção desses sujeitos;
- d) Identificar prováveis relações entre a prática da cola e a aprendizagem significativa.

A presente pesquisa divide-se em seis capítulos: o primeiro apresenta a introdução, um relato da autora sobre a escolha do tema em questão e uma breve revisão de literatura, que expõe alguns trabalhos desenvolvidos sobre o tema abordado por outros autores e seus principais resultados. No segundo são apresentadas algumas definições do termo “cola”, explicando como ocorre a construção do conhecimento e a importância da aprendizagem

significativa. Apresenta ainda a relação da “cola” com a falta de ética e a interferência docente e familiar no processo de ensino-aprendizagem do aluno que, pode ocasionar a prática da fraude escolar em séries posteriores e até mesmo na Educação Superior. No terceiro capítulo é exposto o percurso metodológico trilhado no desenvolvimento deste trabalho. O quinto capítulo apresenta os resultados da pesquisa. Por fim, o sexto capítulo apresenta algumas considerações acerca dos resultados obtidos.

Partindo do princípio de que uma ideia não surge sem determinados estímulos, foi desenvolvido um breve relato de como a autora escolheu o tema a ser pesquisado e os sujeitos dos quais a análise se refere.

1.1 OBSERVAÇÕES DE UMA ACADÊMICA

No ano de 2012 conclui o Ensino Médio e como sempre gostei de estudar, pensei ser mais adequado ingressar em seguida um curso de graduação, pois tive medo de esperar um tempo e ficar ociosa e optei pelo curso de Licenciatura em Geografia. No decorrer do curso percebi que realmente possuía características favoráveis a carreira de docente e passei a praticar de maneira constante a leitura e escrita científica. Durante o quarto semestre fui informada que no seguinte deveria iniciar um projeto de conclusão, o qual deveria ser entregue no final do curso. Inicialmente tive dificuldades em escolher um tema, pois apesar de frequentar um curso de Licenciatura, sempre realizei pesquisas específicas da área de Geografia.

Recebi sugestões de uma de minhas professoras para desenvolver uma pesquisa sobre a cola, relacionada a corrupção, quem sabe uma comparativa com outros países, como Egito e Suíça. Outra sugestão foi geografia específica, que seria analisar a imigração do Haiti para o Brasil, porém, ainda no quarto semestre realizei um período de estágio no Ensino Médio, momento em que observei como a prática da “cola” em sala de aula havia sido banalizada. Nas atividades de classe, trabalhos e avaliações, muitos alunos copiavam as respostas dos outros ou desenvolviam pesquisas em materiais (o que não era permitido). Muitas vezes ouvi turmas inteiras reclamarem do professor, mas ao mesmo tempo afirmarem que não se importavam com os trabalhos e não retomavam os conteúdos estudados para as avaliações.

Surgiu minha curiosidade em observar a ocorrência da “cola” nos cursos de Licenciatura, em especial no de Geografia. Observei que algumas condutas eram semelhantes ao Ensino Médio e que realmente existia um uso generalizado de fraudes, não apenas durante as avaliações, mas em todas as atividades, inclusive no estágio. Acabei por mudar o foco da pesquisa inicial e seguir em busca de respostas, principalmente sobre por que da ocorrência da cola e a visão dos alunos sobre esta prática.

No intuito de aprofundar meus conhecimentos sobre o assunto e iniciar minha pesquisa, desenvolvi uma breve revisão bibliográfica com trabalhos desenvolvidos por outros autores sobre o tema em questão.

1.2 A PRÁTICA DA COLA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS

Nesta seção serão apresentados os resultados de trabalhos científicos que abordaram, sob algum aspecto, a temática desenvolvida nesta pesquisa. Para tanto, realizou-se a busca por trabalhos nos seguintes bancos de dados: IBICT (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), Biblioteca Digital da USP (Universidade de São Paulo), Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior), Biblioteca Digital da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), SCIELO (Biblioteca Científica Eletrônica), Revista Digital Ciência na Mão¹, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos e Revista UNIUBE (Universidade de Uberaba) e Intraciência².

O quadro 1 sintetiza os títulos dos artigos e da dissertação, frutos desta pesquisa literária. Com estes autores e seus resultados procurarei dialogar ao longo do trabalho.

Quadro 1: Produções científicas que abordam o tema “cola” na Educação Básica e no Ensino Superior.

AUTOR (es)	ANO	TÍTULO DO TRABALHO
Dissertações		
Eugênio Prado de Freitas	2002	Análise da “cola” no processo de ensino-aprendizagem
Artigos		
Marat Guedes Barreiros e Valdir Alves de Godoy	2011	A ilicitude no processo de avaliação de desempenho dos estudantes
Celso Hiroshi Iocohama	2004	Reflexões sobre a “cola” nas avaliações do curso de direito e indicação de uma alternativa viável para sua superação
Maria Alzira de Almeida Pimenta e Sonia de Almeida Pimenta	2011	Fraude em avaliações de aprendizagens: estudo comparativo entre o nordeste e o sudeste do Brasil

¹ USP

² Revista científica da Faculdade do Guarujá

Mary Rangel	2001	O “problema” da “cola” sob a ótica das representações
Gabriela Andrade da Silva; Marina Monzani da Rocha; Emma Otta; Yevaldo Lemos Pereira e Vera Silva Raad Bussab.	2006	Um estudo sobre a prática da cola entre universitários
José Carlos Xavier da Silva; Carlos Eduardo Leal; Luiz Pugginelli Brandão; Sandra Mara Lanes; Luiz Felipe Barbosa; Luiz Fernando dos Santos; Marcelo Bomfim Corrêa; Paula Rocha Pessanha; Soraia Rodrigues de Azeredo; Thomas Feijolo; Welleson Jackson e Anderson Alves.	2009	O uso da cola como fator que prejudica a relação ensino-aprendizagem

Fonte: Elaborado pela autora do presente trabalho

Quais as principais evidências apontadas nestes trabalhos relacionadas a “cola” e o ensino-aprendizagem?

As pesquisas selecionadas mostram que as falcatruas humanas para benefício próprio ou de terceiros, apesar de discutida atualmente, já era alvo da preocupação de estudiosos, que engendraram-se em análises com intuito de verificar o porquê de determinados comportamentos estudantis e quais suas consequências para a educação. Em alguns casos torna-se relevante a análise da percepção que os indivíduos possuem da cola para compreender os fatos que acarretam seu uso (RANGEL, 2001 e FREITAS, 2002).

Existem diversos fatores de influência na postura antiética dos indivíduos e um deles é a própria corrupção incrustada na sociedade, como pode ser observado na pesquisa desenvolvida por Silva et. al, (2006) onde analisa-se dois ambientes diferentes e suas relações com a prática irregular da cola. Os autores pesquisaram alunos do curso de engenharia, 56 em contexto sem competitividade (os indivíduos prestam vestibular já sabendo o curso a ser seguido) e 22 com competitividade (os acadêmicos permanecem 2 anos em disciplinas gerais, para só então seguirem uma área específica).

Percebe-se que num ambiente onde a competição é elevada os índices de fraude são menores, porém não nulos. Na faculdade competitiva apesar de os acadêmicos afirmarem-se em maioria contra a cola, confessaram já ter realizado pedido de cola ou ter recebido. Os dados levam a concluir que apesar da contrariedade os indivíduos tendem a praticar o ato (Silva et. al, 2006).

Acredita-se que a fraude durante os processos avaliativos, seja na prova ou em trabalhos desenvolvidos, tende a prejudicar o aprendizado estudantil (FREITAS, 2002; SILVA et. al, 2009). Em alguns casos o discente demonstra tal desprezo pelo aprendizado que

nem se dá o trabalho de ler a resposta colada para verificar a compatibilidade da questão (SILVA et. al, 2009).

SILVA, et. al, (2009) desenvolve uma pesquisa analisando a interferência da cola no processo de aprendizagem da física, a partir do nono ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio. Em sua análise é perceptível que o aluno sabe que com a simples obtenção de nota poderá ser promovido, e logo não importa-se com a aprendizagem. Verifica-se ainda que as escolas particulares são exemplos de instituições que acabam mascarando as práticas ilícitas, por medo de perder os alunos.

Desenvolvendo-se questionários durante o ano letivo, com questões variadas de física, algumas com alternativas invertidas, outras discursivas com respostas trocadas, o autor percebeu que após o recolhimento dos questionários 30% dos alunos haviam errado as questões objetivas. Os índices eram maiores no terceiro ano, o que torna-se preocupante pois são futuros ingressantes na Educação Superior.

Em sua maioria os alunos que cometem fraudes nas avaliações com frequência, não cessam, mas tendem a aperfeiçoá-la na Educação Superior. Muitos indivíduos acabam sendo pressionados pelos pais a seguir determinado curso que não possui afinidade e torna-se um aluno frustrado. Este acaba por não atribuir significado algum a aprendizagem, e passa a ver na cola a oportunidade de avanço (ICOHAMA, 2004).

Acredita-se que o número de indivíduos adeptos a cola é muito alto, e que desde o primeiro contato, a mesma proporciona falha de aprendizagem, danificando o conhecimento, pois o torna descontínuo. A falha tende a proporcionar que o aluno vicie no ato de colar, uma vez que terá dificuldades nos conteúdos contínuos dos quais não compreendeu (SILVA et. al. 2009).

A posição docente perante os alunos possui muita influência na atitude dos mesmos, motivo pelo qual este deve estar plenamente ciente do real objetivo das atividades avaliativas, que é identificar as possíveis falhas no processo de ensino (ICOHAMA, 2004; PIMENTA e PIMENTA, 2011; BARREIROS e GODOY, 2011). Alguns autores sugerem alterações nos métodos de avaliação para combate a cola, como é o caso de Icohama (2004).

O autor Icohama propõe a aplicação de provas com consulta autorizada, o que de acordo com sua pesquisa acarretaria a redução da prática da fraude escolar. A proibição do ato não impede que os alunos venham a praticá-lo, pois quanto maior a segurança imposta sobre a

avaliação, melhores serão as técnicas criadas para burlar o professor (FREITAS, 2002; ICOHAMA, 2004;).

A falha pode estar no próprio professor, que trabalha com conteúdos teóricos desvinculados dos significados, os quais exigem apenas memorização sem aplicação prática e avaliações sem reflexão alguma. Quando o aluno não observa utilização dos conteúdos ocorre o incentivo a criação de uma máscara indissolúvel que levará consigo, a qual impedirá que o professor o despreze, é o início da cola.

Analisando as causas é que destaca-se a importância do processo de ensino-aprendizagem para superar a ideia de que o professor deve apenas transmitir os conhecimentos aos alunos. Surge então o novo papel docente como facilitador da aprendizagem, sendo que não ensina, mas conduz seu aprendiz a buscar sua própria aprendizagem. A cola é vista como descaso tanto do professor como do aluno, em algum ponto do ensino, tornando-se alerta para algo errado (ICOHAMA, 2004).

A avaliação meramente quantitativa, tende a discriminar os alunos e torna-se criticada devido sua insuficiência de aprendizagem, o que afeta o psicológico do aluno, que sai da avaliação externa dada pelo professor, para a auto avaliação, que justifica a utilização da fraude (RANGEL, 2001; ICOHAMA, 2004). Neste caso a cola recebe influência negativa da própria avaliação.

Apesar de a prova com consulta ser defendida por Icohama (2004), o mesmo dispõe de alguns métodos a serem seguidos para um resultado positivo, dos quais destaca-se a dedicação do preparo. Claramente o docente deveria desvincular-se da prática repetitiva de avaliação, adaptando-a as características de cada turma e seus conhecimentos críticos.

Anterior a aplicação da prova o aluno deve ser ensinado o ato de pesquisar, pois somente neste caso conseguirá desenvolver as atividades corretamente e tranquilo. Não é necessário a memorização dos conteúdos, mas sim sua compreensão.

Um outro fator que propicia a fraude é a representação social que a mesma possui, como é o caso do Brasil, em que é possível verificar na mídia técnicas de fraudar uma avaliação. Durante o processo de prática da cola os alunos são divididos em dois grupos, os que colam e os “bons alunos”, que ficam encarregados de passar a cola, mas impossibilitados de colar, pois acredita-se que sempre gabaritam as questões (RANGEL, 2001).

Rangel faz uma análise perceptiva da representação social que a cola possui no país, e para isso inicia-se do ano 1999, em que os Estados Unidos desenvolveram uma campanha

de combate a cola. No mesmo período o Brasil chamava atenção com uma página que ensinava técnicas de cola.

A malandragem atribuída a cola é utilizada para representar todo o povo brasileiro, exemplificando tudo com o famoso “jeitinho brasileiro”. Acredita-se que cada fenômeno social, no caso a cola, acaba por influenciar as representações sociais, como as características de um povo (RANGEL, 2001).

Através das pesquisas desenvolvidas por Rangel, verifica-se que desde 1980, a educação já era criticada, por seus métodos autoritários de ensino. Surge então a partir daí a proposta de menor rigidez e maior criatividade, para formação de alunos participativos com postura social crítica e a cola passa da escala individual para um fenômeno social que necessita de diferentes métodos de combate, não apenas a repressão.

A pesquisa de Rangel (2001), utiliza a Representação Social (RS) para compreender a percepção que alunos e professores possuem da cola, bem como a formação de conceitos e imagens que os mesmos formam desta. Na RS, a cola surge como fuga do erro e solução para as notas que causam a reprovação, porém a consequência para esta prática é a nota zero, que acaba também levando a reprovação.

Na prática da cola existem dois tipos de razões as sociais e as psicológicas, ambas acabam por ir além da prova e interferir no campo psicológico, pois afetam a auto apreciação do indivíduo. Motivos que levam a propostas de soluções que separem o valor da nota do valor qualitativo da pessoa, como a imagem de que o bom aluno precisa de nota dez (RANGEL, 2001).

O autor apresenta dois professores da rede pública de educação básica do estado do Rio de Janeiro, que utilizaram-se da cola autorizada para solucionar o problema da fraude. Acredita-se que são o início da mudança no método avaliativo, porém que ainda não é a melhor forma de solução, pois em provas classificatórias como vestibulares e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) não são permitidas consultas em nenhum tipo de material.

Em geral o uso da cola é constante no país, porém tende a diferenciar-se em algumas localidades, como demonstra a análise de Pimenta e Pimenta (2011), em que fazem uma comparação do uso da cola e das dificuldades de aprendizagem em faculdades de psicologia da região Nordeste e Sudeste. Foram entrevistados 130 acadêmicos da cidade de Uberaba (MG) e 80 de Cajazeiras (PB). Cerca de dois estudantes em cada três colam no serão da Paraíba, enquanto em Minas Gerais este valor é de um em cada dois.

A cola pode ser observada sob vários aspectos, mas sempre possuirá algumas consequências do padrão escolar em que se insere. Esta pode ser considerada resultado de um processo pedagógico punitivo formado durante a história do qual o aluno não tem total domínio (PIMENTA e PIMENTA, 2011).

Freitas (2002) não considera a cola uma fraude, devido ao contexto em que ela se insere, onde a falha ocorre num âmbito muito maior que a simples individualidade. Apesar de se afirmar que a cola camufla as falhas acadêmicas, a maneira como as avaliações são elaboradas mascaram a situação da aprendizagem.

CAPÍTULO II

2. “COLA”: A FRAUDE NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR MODERNO

De acordo com o dicionário Gama Kury (2001), o verbo transitivo direto “colar”, significa “copiar clandestinamente em exame escrito”, está sendo estendida a trabalhos e atividades formais da escola (Figura 01). Santos (2000) defende a tese de que o termo se aplica toda vez que existe o uso indevido da ideia de outra pessoa, sem informar o verdadeiro criador da mesma.

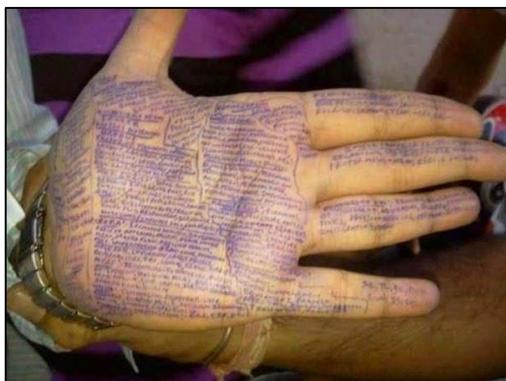


Figura 1 - Exemplo de fraude escrita no corpo
Fonte: www.naoentendodireito.net³

O sistema de cola pode ser identificado ainda como falsificação, plágio e camuflagem. São muitas as maneiras de se fazer uso da mesma: pedacinhos de papel na sola do sapato, camuflados em canetas, mangas de blusa e na aba do boné, alguns ainda tornam-se pretenciosos e escrevem as respostas na carteira, na parede da sala de aula ou ainda no corpo como na imagem acima.

A palavra prova causa um grande choque nos alunos, isso acarreta medo e apreensão (SANTOS, 2000). O aluno não tendo estudado ou não tendo compreendido o conteúdo percebe na cola sua salvação e sem verificar seus danos recorre a atos fraudulentos para conseguir alcançar sua nota.

³ Acesso em: 05 nov. 2015

2.1 AS FALCATRUAS E O ENSINO-APRENDIZAGEM

As fraudes fazem parte de nosso cotidiano em todos os setores, e conseqüentemente a educação não seria algo a parte. Utilizada pelos alunos tornou-se a maneira mais fácil de passar de série, quando a maioria dos requisitos para ser promovido é a obtenção de nota acima da média exigida pela escola. Surge então o seguinte questionamento, estes discentes estão realmente capacitados para seguir adiante na vida escolar?

Silva et. al, (2009) afirmam que quando este aluno é promovido espera-se que o mesmo tenha adquirido pelo menos a parte básica dos conteúdos trabalhados na série anterior, pois uma complementa a outra. Sabe-se que realmente não é o que ocorre, quando existe a prática da cola, o discente não assimilou as explicações, mas simplesmente copiou de alguém e neste caso “não houve o aprendizado” (SILVA et. al, 2009, p. 02).

Existem inúmeras formas de avaliar os alunos, sendo trabalhos, atividades e avaliações, algumas delas, portanto deve-se ressaltar que a fraude não se restringe apenas as “provas”. Algumas pessoas observam estes fenômenos como pequenos e acreditam que possam estimular a criatividade dos alunos (BERNARDO, 2009). De acordo com Silva et. al:

Mesmo quando se trata de trabalhos para serem feitos em casa, baseado na experiência de sala de aula no Ensino Médio de quase três décadas de um dos autores (Xavier, J. C.), percebe-se que os alunos copiam uns dos outros ou da internet, sem se preocupar em fazer resumos ou simplesmente, ler o que se copiou (SILVA et. al. 2009, p. 02).

Se perguntarmos aos alunos o que seriam as fraudes escolares ou a cola, certamente não afirmariam que os trabalhos aos quais recorrem a internet e não citam a referência, também se enquadram. Os indivíduos a favor do uso fraudulento das informações afirmam que "a essência do ser humano é ruim" (BERNARDO, 2009). Logo, seria necessário apenas medidas para diminuir o uso da cola.

Silva et. al, (2009) descreve em sua pesquisa que os professores ao falarem sobre os alunos da atualidade, afirmam que os mesmos não possuem vontade de aprender, quando encontram-se em um mundo com inúmeras tecnologias que podem lhe fornecer a resposta sem esforços. Esta prática de se apossar do conhecimento alheio sem assimilar o mínimo dele, sem nem se quer ler o que se escreve, possui conseqüências. Através da prática da cola o indivíduo adquire a desonestidade intelectual, que é a base de todas as corrupções do país,

com isso aprende a ceder a várias atitudes irregulares e intolerantes. Acreditar que é um pequeno problema restrito a escola, significa tentar reduzir suas consequências perante a sociedade, não solucioná-la (BERNARDO, 2009, p. 01).

Como pode-se observar os resultados das fraudes humanas, desencadeadas por uma simples cola podem ser enormes, levando em consideração o comportamento social do indivíduo. De acordo com Bernardo (2009) a própria escola pode procurar alternativas em seus métodos avaliativos, de maneira a diminuir os índices de fraudes, pois a mesma é a fonte da qual surge a cola e esta necessita do ambiente escolar para dar continuidade.

O autor afirma ainda que a própria fragmentação da educação em disciplinas individuais, provoca uma instabilidade do saber, pois neste caso o ensino que anteriormente era realizado com todas as disciplinas interligadas, agora é feito por profissionais distintos. Os alunos aprendem a ver os conteúdos separadamente, tão isolados que muitas vezes não conseguem realizar atividades que necessitam da união de duas ou mais disciplinas, recorrendo nestes casos a tão referida cola e danificando sua capacidade de aprendizagem.

Considerando-se que parte das fraudes escolares ocorrem por falhas nas próprias instituições de ensino, Freitas (2002, p. 29) afirma que

a escola como instituição responsável pelo ensino formal poderá tratar o fenômeno “cola” numa perspectiva político-pedagógica e não como um problema externo a ela e sob a ótica do moralismo, uma vez que o referido fenômeno encontra-se vinculado aos procedimentos avaliativos, próprio do processo de ensino–aprendizagem.

Quando se analisa um problema e o considera interno, este pode ser rapidamente solucionado, diferente de se verificar algo externo. As escolas devem elaborar iniciativas individuais de combate às fraudes decorrente de seu sistema de ensino, não deixa-las sempre em segundo plano por acreditar que sejam sem importância.

Que tipo de profissional se torna futuramente um indivíduo que para conseguir o nível superior “trapaceou” em todas as atividades avaliativas e plagiou seus trabalhos? Provavelmente pouco habilitado. Tal indivíduo certamente não atingiu o aprendizado, e não deveria estar no mercado de trabalho, pois dificilmente conseguirá ser um bom profissional.

2.2 A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

Todo conhecimento parte inicialmente de agrupamentos de informações adquiridas pelo indivíduo, as quais lhe fornecerão uma continuidade de aprendizagem ao longo de sua vida escolar e profissional. De acordo com Moretto (2003, p. 44), “depois de uma série de experiências bem sucedidas, o sujeito tenta estabelecer uma regularidade no conjunto delas”.

Quando a sequência de experiências é interrompida por alguma atividade fraudulenta, acarreta a descontinuidade do aprendizado, uma vez que faltará ao indivíduo partes importantes do conteúdo. Os estudantes universitários devem atentar-se para estas falhas, visando não só a concretude de suas habilidades profissionais, mas também a construção de seu caráter ético, o qual levará consigo após a graduação (MADEIRA, 2010).

Na construção do conhecimento as experiências fracassadas não tendem a ser repetidas, pois tornam-se exemplos a serem superadas (MORETTO, 2003). Os alunos precisam do fracasso para compreender seus pontos fracos, os quais necessitam de melhor desempenho. Quando obstruímos a linha de vitórias e derrotas, e nela colocamos apenas as experiências bem sucedidas, mesmo cientes da desonestidade cometida, não reconhecemos que possuímos dificuldades em certos assuntos.

Os alunos possuem a ideia de que os conteúdos só lhes serão úteis para serem aprovados e adquirirem o certificado de conclusão, não fazendo diferença se os compreenderam ou não. Os conhecimentos tornaram-se descartáveis, perante ao rápido desenvolvimento tecnológico. De acordo com Bauman (2011, p. 69), a “alegria de livrar-se de objetos, de dar-lhes, descarta-los e jogar fora é a verdadeira paixão de nosso mundo líquido”. Esse fenômeno também ocorre na educação, que é vista pela maioria dos alunos como sendo temporária, ou seja, não se constitui numa utilização diária (BAUMAN, 2011). De acordo com Moretto (2003), apesar de a escola contribuir para a formação dos indivíduos e facilitar sua inserção no mercado de trabalho, acaba tornando-se teórica e sem sentido concreto para grande parte da sociedade.

2.3 O DESPERTAR DO SABER COM SIGNIFICADO

A teoria da aprendizagem significativa é observada inicialmente nas obras de David Ausubel, mas, posteriormente, foi objeto de releitura para outros autores, que com seus

conhecimentos sobre o assunto acabaram enriquecendo-a. De modo simplificado pode-se dizer que é a aprendizagem com significado, mas deve-se analisar como ela ocorre.

A principal característica deste tipo de aprendizagem é o fato de necessitar sempre de conhecimentos prévios sobre o assunto abordado, científicos ou não e por não ser literária (MOREIRA, 2008). O conhecimento com base significativa ocupa apenas fragmentos de conceitos prévios, o que o torna nem sempre correto.

A aprendizagem só acontece quando o aluno atinge a compreensão e atribui significados a mesma, caso isso não ocorra a aprendizagem será meramente mecânica (MOREIRA, 2008). Basicamente 90% de nosso conhecimento provém de aprendizagem mecânica, ou seja não atribuímos nenhum significado aos conceitos em nosso cognitivo.

O conhecimento com significado é algo psicológico do aluno, logo cabe ao professor explicar de forma mais clara possível os conteúdos e dispor de técnicas favoráveis a identificação da base que a turma já possui (MASINI, 2008). A boa relação do professor com os alunos tende a influenciar os resultados da aprendizagem adquirida.

Apesar de sua grande importância a aprendizagem significativa depende impreterivelmente do aluno, sendo o professor apenas um intermediário dos conteúdos. Caso o aluno não atribua significados aos conhecimentos adquiridos, mesmo que o professor utilize de recursos variados, a aprendizagem ainda assim será meramente mecânica (MOREIRA, 2008). Masini acrescenta que:

desvendar o que o aluno já “sabe” é mais do que localizar as representações, os conceitos e as ideias disponíveis em sua estrutura cognitiva. Requer considerações à totalidade do ser cultural/social em suas manifestações e linguagens, corporais, afetivas, cognitivas. (MASINI, 2008, p.65)

A aprendizagem mecânica ocorre quando guardamos informação literais e arbitrarias, ou seja, na íntegra, sem nenhum significado individual. Quando se incentiva o discente ao ato de memorização de conteúdos teóricos, se reproduz a aprendizagem automática ou mecânica (MOREIRA, 2008).

O professor apesar de não construir a aprendizagem significativa do aluno, pode auxiliá-lo neste feito, um dos principais meios é a utilização de materiais potencialmente significativos (MOREIRA, 2008). Os métodos tendem a estimular o aprendizado do aluno, que deve querer unir seu conhecimento prévio com o novo, para surtir resultados.

A falta de alguns conhecimentos, acabam por impedir que os indivíduos aprendam significativamente determinados conteúdos, que seriam sequenciais (MOREIRA, 2008). Por exemplo, como realizar a leitura de um mapa se o aluno não aprendeu o que são seus elementos, como a legenda e a escala?

Ambos os tipos de aprendizagem são integrados, pois a aprendizagem mecânica pode tornar-se significativa. O significado atribuído ao conteúdo é individual, podendo variar de um indivíduo para outro. O aprender parte da percepção que o indivíduo possui do objeto em questão, e isso torna-o individual, como exemplo pode-se pensar em uma criança com problemas visuais, esta possui uma percepção diferente das outras (MASINI, 2008).

Apesar de a educação visar a aprendizagem com significado, seus métodos tendem a preparar o aluno para posterior vestibular ou Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o que claramente identifica a aprendizagem mecânica. O próprio material didático enviado às escolas de educação básica no Brasil pode ser considerado grande influente da aprendizagem automática (MOREIRA, 2008). De acordo com o autor, a aprendizagem depende exclusivamente de uma relação aluno x professor x material pedagógico, sendo necessária a troca de significados entre ambos. Muitas vezes até existe a relação, mas o material tem potencial limitado, logo surge a necessidade de outro instrumento que possibilite a aprendizagem do aluno (MOREIRA, 2008).

Moreira (2008) é um dos autores que seguiu as ideias de Ausubel, o mesmo afirma que a aprendizagem significativa não significa apenas captar significados relacionados aos conteúdos da matéria, mas sim discorrer uma análise crítica sobre o mesmo. É necessário que se tenha abundância de materiais os quais o aluno possa realizar pesquisas que o auxiliarão.

Esta visão leva em conta a progressividade da aprendizagem significativa, a incerteza do conhecimento, a linguagem como conhecimento, a diversidade de materiais estratégias instrucionais e a importância do questionamento e da aprendizagem pelo erro (MOREIRA, 2008, p. 41).

A cola no contexto da aprendizagem significativa, burla o aprendiz uma vez que o indivíduo não possui os conhecimentos que posteriormente lhe fornecerão base para os novos. A base da aprendizagem é expor os conceitos de modo aceito num grupo, porém matizando-os com interpretações pessoais (MOREIRA, 2008).

Quando o aluno obtém uma aprendizagem com significado, este tende a crescer, mas quando por ventura a aprendizagem é constantemente mecânica, tende a desenvolver recusa a

matéria e não se dispõe a construir a aprendizagem significativa (MOREIRA, 2008). Para compreender como ocorre a construção da aprendizagem com significado, analisa-se brevemente os aspectos de três visões: interacionista social, contemporânea e autopoietica.

Na visão interacionista social da aprendizagem, cabe ao professor apresentar o conteúdo de diversas maneiras distintas e várias vezes se for o caso, e verificar se o aluno está atribuindo significados a eles (MOREIRA, 2008). Na visão contemporânea os modelos mentais são de grande importância, chegando a serem considerados o primeiro passo, pois é através deles que se organizam os significados adquiridos.

A visão autopoietica por sua vez, considera em sua maioria os seres vivos como máquinas que podem produzir sua própria forma de organização, pois constrói seus próprios conhecimentos sob diferentes tipos de perturbações (MATURANA, 2001). Neste caso o aluno é considerado uma máquina autopoietica que sofre perturbações dos professores e materiais, porém depende deste as mudanças cognitivas que as perturbações acarretarão (MATURANA, 2001).

Os conhecimentos prévios do aluno são compreensões adquiridas através de experiências vivenciadas em algum momento da vida, e os novos conhecimentos, podem ser considerados como perturbações que ocasionarão mudanças nos primeiros (MOREIRA, 2008). Quando o indivíduo recebe novas informações e se dispõe a aprendê-las, cria-se em seu cognitivo, modelos de representação, como os mapas mentais, de modo a facilitar sua compreensão do assunto.

Atualmente vive-se na fase da geografia crítica, onde não basta que se atribua significados aos conceitos, mas se aprenda observá-los de maneira crítica. Alguns métodos utilizados ainda no período dos grandes filósofos antigos, como Sócrates, são de grande importância na aprendizagem significativa crítica, por sua capacidade de pesquisa e reflexão.

O docente em seus métodos de ensino deve integrar questionamentos, para que os próprios alunos pesquisem e reflitam sobre o assunto, não simplesmente fornecer respostas prontas. É interessante que o aluno também erre, pois do erro surge o acerto que proporciona a construção de uma aprendizagem significativa (MOREIRA, 2008). A incerteza também faz parte da aprendizagem, devido não haver apenas uma verdade, mas sim a individualidade de interpretações.

Quando, por ventura não existe o erro, devido o aluno ter burlado o sistema, seu cognitivo tende a sofrer severas consequências de aprendizagem. No momento em que não se

passa pela experiência do erro, fica-se impossibilitado de verificar onde houve falha de aprendizagem, seguindo o aluno assim com uma percepção equivocada e um conhecimento fragmentado.

2.4 AS FRAUDES E A DESVALORIZAÇÃO DA ÉTICA

Atualmente com as inovações tecnológicas houve também a modernização das fraudes escolares, de acordo com Madeira (2010, p. 156) os alunos passaram a utilizar-se de “celulares que enviam textos e fotos, computadores de mão e palmtops ou calculadoras que transmitem mensagens por raios infravermelhos e internet”. Tornou-se uma prática tão comum no âmbito escolar que promoveu a trapaça a uma categoria institucional, formando até grupos de bate papos sobre o assunto.

A ética foi completamente esquecida, pois se antigamente a cola era algo vergonhoso e que deveria ser camuflado, hoje é exposto pelos alunos como vitória. Nas redes sociais é possível encontrar muitos indivíduos que se vangloriam por terem colado na avaliação e não terem sido pegos, sendo possível encontrar até mesmo vídeos na internet que ensinam como praticar a fraude sem ser pego.

A precária tentativa de controle da cola é na verdade um procedimento que acaba por promover-la. Incentiva desta forma a desonestidade, tornando o aluno um ser dependente intelectual, muitas vezes incapaz de formar suas próprias opiniões. No momento que consegue colar, o indivíduo sente-se vitorioso, perante o docente, e sem consciência acaba se implantando a desonestidade e a insegurança de seu próprio saber. Acaba-se por adquirir uma derrota intelectual, não uma vitória, pois na verdade fica preso no sistema vicioso que tende a ser repetido inúmeras vezes (BERNARDO, 2009).

Para analisar-se as consequências da cola, deve-se observar a ruptura da própria ética humana causada por ela. Os professores apesar de não possuírem um código de ética formal, devem considerar que possuindo contato direto com a construção comportamental das futuras gerações, deve manter uma postura adequada. O docente em sua posição moralmente correta deve estimular os alunos a realizar esforços inteligentes, para que estes venham a praticar bons hábitos e ter consciência de seus valores e suas possibilidades (MADEIRA, 2010).

A desonestidade acadêmica, independente de qual seja, tende a comprometer a educação e automaticamente a prejudicar a própria integridade da instituição de ensino que terá sua imagem relacionada a estas práticas (INARELLI, 2011).

2.5 PLÁGIO OU COLA? REPENSANDO OS CONCEITOS

O maior desafio da atualidade é identificar o autor de um determinado texto, devido ao aumento do plágio literário. A autoria é algo complicado de ser protegida uma vez que a propriedade intelectual não é algo palpável, mas abstrato. Sendo importante destacar ainda que o avanço tecnológico facilitou o manuseio das informações, e os indivíduos não refletem sobre elas, apenas as copiam na íntegra (MURANO, 2013).

A desonestidade intelectual iniciou-se ainda durante o século XVII, mas era camuflada e praticada apenas pelos escritores literários (INNARELLI, 2011). Na atualidade o plágio tornou-se algo banalizado, sendo cada vez mais presente em ambientes escolares e acadêmicos. Entre os mais sérios estão as cópias de teses, dissertações e artigos científicos, sendo afirmado por Murano (2013) que não é pouco comum, pessoas serem exoneradas de seus cargos após anos de trabalho devido terem sido descobertas plágios em suas teses.

A revista *Língua Portuguesa* (2013) apresenta ainda exemplos de obras literárias nas quais foram confirmadas as práticas de plágio, como é o caso de “Max e os Felinos”, escrito pelo autor Moacyr Asciliar, a qual foi plagiada no livro “A vida de Pi”, do autor Yan Martel, sendo representado o mesmo tema e história em ambos os livros. Vale lembrar que o último foi até mesmo base de um filme que recebeu o mesmo nome.

Gabriel Perissé, escritor e tradutor, em entrevista sobre o termo reapropriação de ideias afirma que:

Devemos ser tão bons ladrões que ninguém perceba que fizemos com o alheio algo melhor. O plágio criativo perfeito é quando o roubo é seguido de assassinato, e nem precisamos citar a vítima, cuja alma absorvemos e cujo corpo escondemos dentro de nosso próprio texto. (PERISÉ apud MURANO, 2013)

Murano (2013) destaca ainda uma frase descrita por muitos escritores, se roubamos de um autor é considerado plágio, mas se roubamos de vários torna-se pesquisa. Precisamos é

analisar o que os jovens entenderão neste aspecto até onde vai a ética literária, e aos professores como detectar se o aluno plagiou a pesquisa solicitada.

No meio de tantos autores contra e a favor do plágio intelectual surge um novo termo utilizado para designar uma memória escondida, que mascara o plágio do próprio plagiador. A criptomnésia é considerada um plágio não deliberado, que ocorre sempre que se tem uma ideia sobre determinado assunto e a escreve, mas não se recorda que pertence a outro autor, pensa que é sua (MURANO, 2013).

Apesar de alguns psiquiatras reconhecerem o distúrbio da criptomnésia, ainda é um conceito muito difícil de ser aceito socialmente na prática, pois muitos autores contra o plágio, não aceitam tal justificativa. Por lei ela não serve como justificativa do crime, mas pode atenuar a decisão judicial (MURANO, 2013).

2.6 INFLUÊNCIA DOCENTE E FAMILIAR NO ENSINO

Os antecedentes da fraude iniciam-se desde o primário, quando os docentes solicitam atividades incompatíveis com o grau de conhecimento de seus alunos. Surgem então os primeiros indícios da camuflagem da fraude, sendo na maioria dos casos incentivados pelos próprios pais, que com intuito de ajudar o filho acabam por resolver os exercícios para a criança (SANTOS, 2000). Quando aprende a realizar apenas a cópia da escrita de seus responsáveis, o discente começa a apresentar as primeiras falhas de aprendizagem, consequentemente acarretam futuros pensamentos da facilidade de se obter respostas prontas.

A falta de ética docente piora quando este por ventura, não possui moral suficiente e desvincula-se da responsabilidade que a sociedade havia lhe entregado, de enriquecer o conhecimento e o senso crítico dos jovens. Existem os profissionais que tornam-se coniventes com a fraude, que mesmo ao identificarem a prática de cola, camuflam e nada fazem a respeito, para que o aluno não venha a repetir o ato.

Alguns autores ainda manifestam-se a favor da cola, e afirmam ver a mesma como uma técnica que o próprio aluno cria para aprender, ou ainda que é um método que pode ser utilizado para recuperar alunos de baixo rendimento do professor (MARTINS, 2006, apud MADEIRA, 2010). Seria ético o professor recorrer a camuflagem da cola para obter maior número de alunos aprovados? Certamente não pois estes discentes não podem seguir adiante

sem compreensão adequada dos conteúdos, pois isso acarretaria a continuidade desta prática fraudulenta nas próximas séries.

Os docentes tornam-se influentes na prática de cola ainda quando por algum motivo estimulam a competição entre os alunos. De acordo com Bauman (2009, p. 05), “quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos – escassos e claramente inadequados”. O medo de ser ridicularizado perante a turma acaba influenciando para que os indivíduos procurem um meio de alcançar a nota, mesmo que seja ilícito.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, qual seja descrever e analisar os motivos pelos quais os alunos recorrem as fraudes escolares e as possíveis consequências desses atos no aprendizado dos mesmos, e considerando a necessária articulação entre as opções teóricas e metodológicas, apresenta-se os procedimentos utilizados para coleta de dados da pesquisa e os fundamentos que justificaram essa escolha.

3.1 O PLANEJAMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A presente pesquisa foi conduzida como uma investigação de abordagem qualitativa, que buscou privilegiar uma visão mais compreensiva e interpretativa a respeito da percepção estudantil em relação a “cola”.

Abordar qualitativamente essa questão torna-se uma maneira coerente e adequada de conhecê-la, pois, segundo Alves (1991) a pesquisa qualitativa parte do pressuposto de que as pessoas agem motivadas por aquilo em que acreditam e seu comportamento tem sempre um sentido que não pode ser conhecido de imediato, necessitando ser revelado.

De acordo com Figueiredo (2008, p. 97) a pesquisa qualitativa “produz grandes quantidades de dados narrativos, dispensando grandes amostras, visto que o pesquisador qualitativo tem de evitar controlar a pesquisa, para que o estudo permaneça no contexto naturalista”. Para Alves-Mazzotti (2002) a principal característica das pesquisas qualitativas é o fato de que seguem a tradição ‘compreensiva’ ou ‘interpretativa’ e, além disso, caracterizam-se pela preocupação do pesquisador com a profundidade atingida na compreensão de um determinado fenômeno e não com a representatividade numérica dos indivíduos investigados.

Há vários tipos de pesquisa qualitativa, e sua classificação varia conforme o critério adotado. Autores como Cervo e Bervian (2006), Triviños (2009) e Gil (2006) classificam-nas de acordo com suas finalidades e identificam três tipos: exploratória, descritiva e explicativa. Partindo dessa classificação, esta pesquisa se enquadra na modalidade descritivo-explicativo. Essa opção está ancorada em Gil (2006) que considera a pesquisa descritiva como aquela que

tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis. A pesquisa explicativa tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Devido ao fato de explicar a razão e os motivos dos fatos ocorrerem, esse tipo de pesquisa se aproxima muito da realidade e, por isso, torna-se uma ferramenta que exige muita atenção e dedicação do pesquisador devido a sua complexidade e grandes chances de erro. A necessidade de se descrever e detalhar os fenômenos minuciosamente propicia condições para que a pesquisa explicativa possa ser precedida por uma pesquisa do tipo descritiva.

3.2 O LÓCUS DE PESQUISA

As instituições investigadas encontram-se no perímetro urbano do município de Juína. Este município localiza-se na região Noroeste do Estado de Mato Grosso (Mapa 1). Juína é parte interiorana do Estado e está há aproximadamente 794,9 km da capital Cuiabá. Possui uma população de 39.255 habitantes e área de 26.189, 963 km² (IBGE, 2013). O município é considerado um micro polo e faz parte da microrregião do Aripuanã, atende a população de diversos municípios menores, principalmente no que tange a Educação Superior na modalidade presencial.



Mapa 01: Localização do Município de Juína
Fonte: www.skyscrapercity.com⁴

⁴ Acesso em: 04 nov. 2015

A espacialidade da Educação Superior do município tem influenciado um movimento pendular de estudantes de outras regiões próximas, como é o caso de Castanheira e Brasnorte. Os alunos concluintes do Ensino Médio são atraídos pelos cursos oferecidos, na modalidade presencial, pela Associação Juinense de Ensino Superior (AJES), Figura 02, dos quais encontra-se o de Licenciatura em Geografia, escolhido para este estudo.



Figura 2: Faculdade AJES
Fonte: ajes.edu.br⁵

Das escolas de educação básica, apenas duas fornecem a modalidade Ensino Médio regular em perímetro urbano, sendo destas apenas uma que possui o terceiro ano. Devido o número de alunos, o Nível Médio foi concentrado em basicamente uma única escola, localizada no centro da cidade.

A escola Estadual Artur Antunes Maciel (Figura 03) é uma escola de Ensino Médio que oferta duas modalidades, o regular e o integrado em informática ou administração. Segundo o Projeto Político Pedagógico (2014-2015) desde 2008 a escola passou a atender exclusivamente Ensino Médio, sendo que no ano de 2009 iniciou a implantação do Ensino Médio Técnico. Apesar de ser uma escola central, recebe alunos de todos os bairros periféricos, obtendo assim uma grande diversidade cultural e socioeconômica.

⁵ Acesso em: 06 nov. 2015



Figura 3: Escola Estadual Dr. Artur Antunes Maciel
Fonte: eeartur.blogspot.com⁶

3.3 OS SUJEITOS DE PESQUISA

Para esta pesquisa foram escolhidos um total de 20 indivíduos: 10 alunos do Terceiro Ano do Ensino Médio, de turmas variadas, e 10 acadêmicos do Curso de Licenciatura em Geografia, pertencentes ao segundo, quarto e sexto semestres de faculdade. O critério para escolha desses indivíduos foi mediante sorteio.

Para preservar o anonimato, esses sujeitos serão referidos neste trabalho como A, B, C, D, E, F, G, H, I e J (alunos do Ensino Médio) e 01, 02, 03, 04, 05, 06, 07, 08, 09 e 10 (acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia).

3.4 OS PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS

Para coletar os dados desta pesquisa, utilizou-se de questionários (Apêndice 1) impressos e explicativos, com questões abertas e fechadas, os quais mantiveram sigilo ético, não sendo exigido as identificações dos participantes.

A elaboração do questionário foi norteadada pelas recomendações de Marconi e Lakatos (2010, p. 185) referentes ao necessário “cuidado na solução das questões, levando em consideração sua importância, isto é, se oferece condições para a obtenção de informações válidas. Recomendam, ainda, que os termos escolhidos devem estar de acordo com os objetivos geral e específico”. Outro aspecto que segundo as autoras merece atenção do pesquisador refere-se ao tamanho do questionário, o qual não deve ser muito longo, a fim de

⁶ Acesso em: 09 nov. 2015

evitar cansaço e desinteresse, tampouco curto demais sob o risco de oferecer informações insuficientes.

Moreira e Caleffe (2006, p. 95) advertem que para usar o questionário em pesquisas de pequena escala como, por exemplo, para coletar dados dos professores de uma escola, o pesquisador deve estar consciente de que “o que ele deseja encontrar é mais difícil do que parece; e de que tipo de informação o questionário proporcionará”. Para os autores, um questionário bem elaborado deve ser atrativo em termos de apresentação, breve quando for o caso, de fácil compreensão e de preenchimento razoavelmente rápido. Essas características “incentivam os respondentes a responder e assim fornecer ao pesquisador os dados necessários” (MOREIRA e CALEFFE, 2006, p. 107).

A disposição que as perguntas ocupam no questionário é um fator que pode influenciar o entrevistado. Por isso, merece a atenção do pesquisador. Marconi e Lakatos (2010, p. 194) sugerem “[...] iniciar o questionário com perguntas gerais, chegando pouco a pouco às específicas (técnicas do funil), e colocar no final as *questões de fato*, para não causar insegurança” (grifo das autoras).

Moreira e Caleffe (2006) citam o uso eficiente do tempo, o anonimato do investigado, a alta taxa de retorno e a padronização das perguntas como sendo algumas das vantagens em relação ao uso do questionário como instrumento para coleta de dados. Como limitações desse instrumento, os autores apontam o fato de o dado coletado tender a descrever ao invés de explicar as informações, a possível superficialidade dos dados e a tendência da utilidade do questionário ser reduzida em virtude de uma preparação inadequada.

Levando em consideração essas recomendações, o questionário foi aplicado aos alunos do Ensino Médio na primeira semana do mês de outubro de 2015, em horários extra escolar. Já os acadêmicos responderam seus questionários na segunda quinzena de outubro, nos momentos de intervalo das aulas da graduação. Todos os questionários foram respondidos individualmente e na presença da pesquisadora.

CAPÍTULO IV

4. PERCEPÇÃO ESTUDANTIL DAS FRAUDES ESCOLARES

Após a leitura e análise dos questionários aplicados, os resultados foram divididos em categorias, elaboradas a partir dos relatos dos entrevistados sobre a prática da “cola”. Neste capítulo serão apresentados e discutidos os pontos de vista dos estudantes perante o uso das fraudes escolares.

4.1 A PERCEPÇÃO DO OBJETO NA CONCEPÇÃO DOS ALUNOS

A maior parte dos alunos do Ensino Médio que participaram deste estudo compreendem o que é a cola, em sua singularidade, como percebe-se pelo depoimento a seguir.

Cola é pegar a resposta do seu caderno que você fez a tarefa, ou rascunho de outro, ou na internet (Aluno C).

A percepção que os alunos possuem de burlar as regras, faz com que os mesmos relacionem a cola com algo proibido. Exemplifica-se então a fraude escolar como “o uso de informações de determinada matéria escondido dos professores” (Aluno A). Santos (2000) afirma que é considerado cola, toda vez que utiliza-se das ideias de outra pessoa sem citar a origem do conteúdo, prática que pode ser observada nos relatos dos alunos quando indagados sobre o que seria a cola.

Pegar uma resposta relacionada aos conteúdos da escola, que não são suas, mas sim de um colega (Aluno H).

É uma informação que você recebe de um colega na disciplina que você não sabia a resposta e seu colega sabia (Aluno J).

Alguns alunos percebem na cola um ato antiético e prejudicial ao aprendizado: “é não agir com ética” (Aluno J) ou ainda “Informações fornecidas e pedidas por um aluno irresponsável antiético” (Aluno H). Outros mantem-se presos a ideia da pressão avaliativa, relacionando sempre a fraude com o momento de avaliação formal.

Para mim é onde os alunos nas horas de avaliação passam uma resposta para outro (Aluno B).

É a utilização de respostas de outra pessoa durante a avaliação ou trabalho, pode ser feita sozinha através de papel ou quando outra pessoa lhe passa a resposta (Aluno E).

A palavra “prova”, por si só, acarreta pânico entre o alunado, ocasionando desespero e conseqüentemente a prática da fraude, pois em seu momento de angústia o aluno pretende atender as expectativas do docente (SANTOS, 2000). Percebe-se na fala do aluno E, quando questionado sobre o que seria a cola, que apesar de relaciona-la com a avaliação, consegue compreender que a cópia das respostas alheias em trabalhos também é fraude, sendo da mesma forma antiética e prejudicial.

Nos depoimentos dos acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia, pode-se verificar respostas mais elaboradas sobre o significado da cola.

Uma prática discente incorreta que prejudica o ensino dos alunos se tornando copiadores e não adquirem corretamente o ensino apenas gravam as coisas (Acadêmico 01).

Nesta fala verifica-se que apesar de não usar o termo aprendizagem mecânica, o entrevistado afirma que a pratica da cola relaciona-se com a memorização de conteúdo. De acordo com Moreira (2008), quando a aprendizagem acontece sem nenhuma atribuição de significados é considerada automática/mecânica.

A relação fraude/prova permanece ainda na Educação Superior: “*É adquirir informação de algo durante uma avaliação onde não é permitido a consulta em materiais*” (Acadêmico 06). Verifica-se que a presença da proibição, da quebra de regras é contínua, e ainda que o medo da avaliação provoque a fraude, como afirmado pelo acadêmico 06, que a cola serve como uma segunda opção do aluno em passar de semestre.

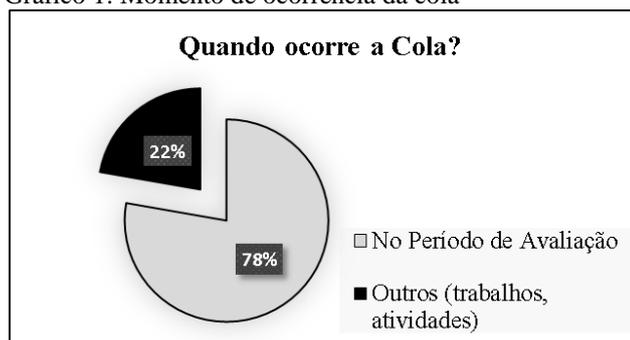
Na opinião dos alunos do Ensino Médio, alguns de seus colegas colam porque não se sentem preparados para a realização de determinadas atividades. A esse respeito, o depoimento abaixo é ilustrativo.

Alguns alunos procedem o uso de fraudes para adquirir respostas de atividades, devido a insegurança em relação ao conteúdo estudado (Acadêmico 09).

Apesar de acreditar estar se saindo bem na cola, porque assim conseguirá uma nota elevada, o indivíduo tende na verdade a sofrer uma grande derrota, pois acaba preso no círculo vicioso da fraude (BERNARDO, 2009; SILVA et. al, 2009).

Nas análises verificam-se a convergência de respostas, quando indagados quanto ao momento de ocorrência da cola, tanto acadêmicos quanto alunos realizaram descrições semelhantes. A prova ainda é vista por muitos como único momento em que ocorre a fraude, sendo poucos os que compreendem seu significado (Gráfico 01). De acordo com os sujeitos desta pesquisa a cola ocorre “Quando os alunos não estudam e não preparam-se para atividades em sala ou avaliativas” (Aluno H), ou ainda “Quando um aluno que por algum motivo, esquece ou não estudou, o conteúdo que ia ser aplicado no dia da prova” (Acadêmico 05).

Gráfico 1: Momento de ocorrência da cola



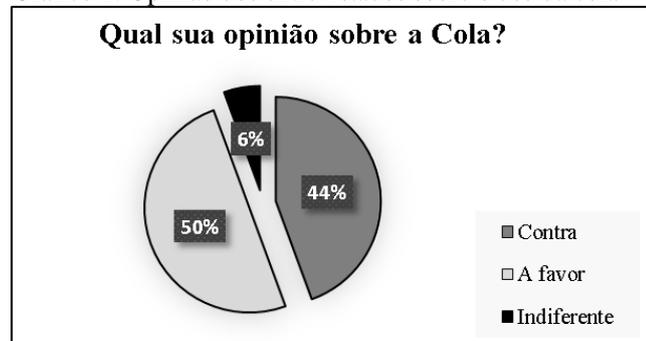
Fonte: Elaborada pela autora do presente trabalho

Verifica-se que a percepção, tanto dos alunos do Ensino Médio quanto dos acadêmicos de Geografia, se restringe ao período avaliativo (78%), sendo em sua minoria durante trabalhos e pesquisas (22%). A relação entre aluno e professor é grande influente no momento da construção da aprendizagem com significado, devendo-se constituir uma confiança mútua (MOREIRA, 2008). No momento de fraude a relação de confiança com o docente é quebrada: “Ela [a cola] acontece em todos os cursos num momento de distração do professor, pois o professor confia no aluno (Acadêmico 09)”. Verifica-se que, apesar de haver a relação de confiança, em alguns casos o aluno não a respeita.

4.2 O POSICIONAMENTO DOS ALUNOS PERANTE O USO DA COLA

Quanto ao posicionamento em relação a prática da cola nas aulas, tanto alunos quanto acadêmicos defenderam claramente seu ponto de vista (representado no Gráfico 02). Percebe-se que em sua maioria que os entrevistados demonstraram-se favoráveis ao uso de fraudes (50%), sendo uma minoria os que afirmaram-se indiferentes. Para alguns autores, entre eles Martins (2006) e Madeira (2010), a cola é vista como uma técnica própria do aluno usada na construção do seu aprendizado, e que também pode ser utilizada pelo professor para recuperar alunos com dificuldades.

Gráfico 2: Opinião dos entrevistados sobre o uso da cola



Fonte: Elaborada pela autora do presente trabalho

A confirmação da ideia proposta por Martins (2006) é evidenciada no depoimento a seguir.

Porque quando o aluno prepara a cola muitas das vezes ele não usa, pois acaba “guardando” informações para si, ou seja ele acaba estudando o assunto (Aluno E).

Contudo, outros alunos discordam da opinião anteriormente mencionada.

Porque a prova é para ver se o aluno entendeu o conteúdo se ele cola é sinal que não aprendeu (Aluno F).

Pois se uma pessoa cola ela não aprende e perde aprender (Aluno G).

Todos podem realizar suas próprias tarefas sem precisar da resposta do colega (Aluno H).

[...] as pessoas que colam podem até passar de ano mas vão sair sem o conhecimento (Aluno J).

A fraude tende a proporcionar falhas de aprendizagem, pois quando o aluno cola, significa que não compreendeu parte do conteúdo. Na maioria das vezes o indivíduo não

procura sanar as dificuldades após a realização da avaliação ou da atividade colada, ficando uma lacuna, a qual acarretará uma descontinuidade na aprendizagem (MORETTO, 2003).

Os acadêmicos favoráveis ao uso da cola, atribuíram o problema a forma de ensino do professor, como pode ser observado nos relatos abaixo.

Porque sempre não entendemos o conteúdo que o professor ministra e a única forma de entender é na cola (Acadêmico 02).

[...] quando um aluno pede cola em algum lugar o professor dificultou a prova, não que a prova deveria ser fácil, mas que esse aluno está com dificuldades para responder as questões (Acadêmico 05).

De acordo com Icohama (2004), a cola pode ser considerada como aviso de que algo não vai bem, ou seja, que em algum ponto da aprendizagem houve uma falha, não necessariamente do professor, mas por descaso do docente e do aluno.

Os acadêmicos que posicionaram-se contra a cola, concordam que esta prática tende a atrapalhar o aprendizado.

Não leva o aluno a adquirir os conhecimentos de fato e pode tornar-se um profissional relapso e despreocupado com os conhecimentos adquiridos pelos seus futuros alunos (Acadêmico 01).

Penso que se eu colar não estou preocupada em aprender o conteúdo (Acadêmico 09).

O estudante deve dar muita atenção para seus feitos durante o período escolar, pois é nele que se formará parte do caráter ético que levará consigo durante toda a vida profissional (MADEIRA, 2010).

Incrível que ambos os questionários se sobrepõe em um ponto específico, pois no momento em que são questionados se alguém já havia lhe pedido cola, basicamente todos os alunos e acadêmicos responderam sim. A exceção se deu em apenas um acadêmico, que afirmou nunca ter recebido pedido de cola.

Os sujeitos desta pesquisa acabaram se contradizendo em algumas respostas, pois todos os alunos informaram já ter recebido pedido de cola e que haviam passado cola. No caso dos acadêmicos apesar de terem recebido o pedido de cola dois deles negaram ter concedido o pedido do colega, porém, alguns que haviam respondido nunca terem recebido pedido de cola de alguém afirmaram que, apesar do receio, às vezes acabaram passando cola.

Para Silva et. al. (2006) um dos fatores que influencia os alunos a pratica de fraudes é a própria corrupção dentro da sociedade em que vivemos. Os acadêmicos investigados representam muito bem tal afirmação, pois três deles que haviam se posicionado contra a cola, afirmaram ter passado respostas para os colegas, ao menos uma vez.

Todos os alunos do Ensino Médio confirmaram ter colado em alguma disciplina durante o ano letivo vigente, porém, sempre relacionando a fraude apenas com a prova. Alguns demonstraram-se envergonhados por terem fraudado a atividade avaliativa, devido saber que não deveriam mascarar suas próprias dificuldades. Os relatos a seguir são representativos.

Me senti com medo porque fui elogiada pelos professores, e caso me pegassem, ficariam decepcionados, pois eu tinha capacidade de me esforçar mais (Aluno E).

Senti que não estava agindo corretamente (Aluno F).

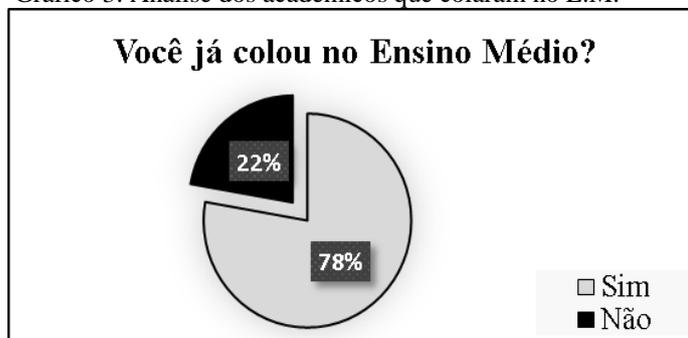
Envergonhada (Aluno G).

Mal por não saber a resposta certa e ter que colar de alguém que sabia (Aluno H).

É conhecido a fato de que a cola estudantil tende a prejudicar o aprendizado dos alunos (FREITAS, 2002; SILVA et. al. 2009).

No momento em que os acadêmicos do curso de Licenciatura em Geografia foram questionados quanto a cola durante o Ensino Médio, as respostas tornaram-se variadas. Em sua maioria também afirmam já ter colado no Ensino Médio (Gráfico 03).

Gráfico 3: Análise dos acadêmicos que colaram no E.M.



Fonte: Elaborada pela autora do presente trabalho

De acordo com Moreira (2008) para que ocorra a aprendizagem significativa o aluno precisa atribuir significados aos conteúdos estudados, pois neste caso o professor serve apenas de intermédio entre o aluno e o material. Verifica-se nos questionários que os acadêmicos,

com sua visão distorcida, percebiam no Ensino Médio apenas uma passagem para a Educação Superior, sem dar a devida importância ao aprendizado: *“Compreendia que era o suficiente para terminar os estudos e que não me faria falta alguma” (Acadêmico 01).*

Observando-se que os alunos já haviam informado ter recebido pedidos de cola, passado cola para os colegas ou colado sozinhos, decidiu-se questioná-los se dentre as disciplinas que colam está inclusa a Geografia. 60% dos alunos negaram ter colado nesta disciplina em específico, mas 40% afirmaram que ela estava entre as que fraudavam, como em todos os questionamentos relacionaram ao momento da prova.

4.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA COLA NA APRENDIZAGEM

No curso de Licenciatura em Geografia, 22% dos alunos reconheceram que o fato de ter colado durante o Ensino Médio teria prejudicado o aprendizado na graduação, devido à perda de conteúdos importantes.

No início da faculdade tinha uma compreensão do ensino totalmente fragilizada, sem compreender as discussões aprofundadas do conteúdo por falta de base” (Acadêmico 01).

Durante a vida escolar o indivíduo vai acumulando experiências e para compreendê-las procura estabelecer uma regularidade entre elas (MORETTO, 2003). Quando ocorre a obstrução das dificuldades, o aluno não adquire tais experiências e, posteriormente, apresentará dificuldades em conteúdos que necessitam deste como base.

Cerca de 11% dos entrevistados recusaram-se a responder a questão, mas em sua maioria (67%) os acadêmicos negaram qualquer interferência negativa da cola no curso de Geografia. Os acadêmicos sentem-se pressionados pela aplicação da prova. Em alguns casos o professor utiliza-se da avaliação como uma forma de controle estudantil e acaba por torná-la um peso para os discentes. A esse respeito, o depoimento abaixo representa a opinião dos acadêmicos.

[...] a capacidade de um aluno não se mede por ele não saber responder a questão, sendo assim acho que prova não deveria existir e sim avaliação (Acadêmico 05).

Os docentes necessitam compreender o real objetivo da prova escolar, que é verificar se os alunos realmente estão compreendendo as aulas, possibilitando verificar as falhas de aprendizagem (ICOHAMA, 2004; PIMENTA e PIMENTA, 2011; BARREIROS e GODOY, 2011).

No intuito de verificar se o comportamento dos estudantes havia se alterado ao ingressar na Educação Superior, questionou-se a possibilidade de terem praticado a cola no curso de Licenciatura em Geografia. 56% dos graduandos afirmaram continuar colando, e percebe-se que em alguns casos não há preocupação com a transparência de sua dificuldade para que o professor possa ajuda-lo, mas sim com a nota que será obtida: “*Me senti feliz e com a certeza que iria conseguir nota*” (Acadêmico 06). Os outros 44% dos entrevistados negaram a prática da cola na faculdade e alguns chegaram a afirmar nunca ter colado durante a graduação.

Para compreender-se a espacialidade da cola, foi desenvolvida a mesma questão para o Ensino Médio e Educação Superior, sobre o recebimento da mesma. 60% dos alunos responderam já ter recebido cola de algum colega de sala, e questionados sobre como sentiram-se, em grande parte afirmaram estar contente, devido não ter estudado para realizar a atividade sugerida.

Atualmente vivemos em uma sociedade de rápidas modificações e alto desenvolvimento tecnológico, onde as crianças aprendem desde pequenas que as coisas são passageiras, e a educação não tendo atribuição de significados é descartada e vista como desnecessária (BAUMAN, 2011). Para que compreenda-se o motivo que leva os estudantes em geral a praticar a fraude escolar, foi realizado tal questionamento aos sujeitos deste estudo, os quais, em sua maioria, justificam a cola por terem dificuldades de compreensão na matéria ou não terem estudado para a avaliação.

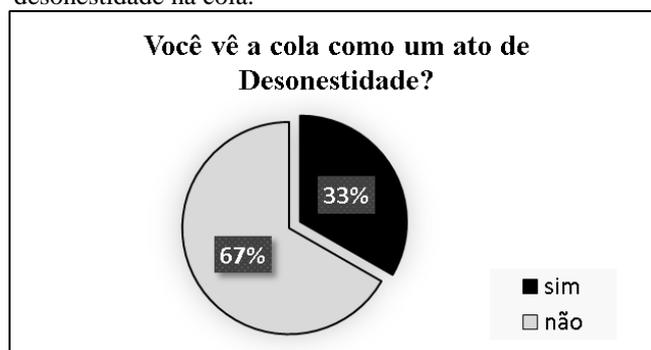
A maioria dos acadêmicos do curso de licenciatura em geografia reconhecem que a prática da cola acarreta consequências para o aluno, uma vez que este acaba mascarando suas dificuldades e não compreende o que foi ensinado. No momento em que o aluno é promovido de série subentende-se que o mesmo compreendeu os conteúdos trabalhados, mas quando ocorre a fraude, os resultados são burlados e o aluno passa sem concretizar o aprendizado (SILVA, et. al. 2009) e o professor fica incapacitado de ajuda-lo se não sabe de suas dificuldades.

Dos acadêmicos que disseram-se não acreditar que a fraude acarreta consequências, apenas um justificou que em alguns casos o aluno aprende durante a fabricação de seu método de cola. Os demais entrevistados afirmaram que somente há consequências caso seja pego em flagrante ou se a resposta copiada estiver errada. No caso do Ensino Médio 50% dos alunos percebem que a cola pode ocasionar dificuldades de prestar vestibular ou o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), pois podem exigir conteúdos que os mesmos não aprenderam, devido as fraudes, os que demonstraram-se contrários, justificam que através da fabricação do método fraudulento se aprende e mesmo que cole, procura aprender depois.

Cerca de 70% dos alunos que participaram da pesquisa negam que o fato de ter colado no Ensino Médio pode ocasionar dificuldades caso venha a cursar Licenciatura em Geografia. Justificaram esse ponto de vista devido ser uma disciplina com número menor de fraudes e uma das disciplinas que gostam e que não é necessária a cola. Os 30% que acreditam nas dificuldades que a cola causará em sua vida durante a graduação, percebe a falta de aprendizado que possui devido as fraudes praticadas em alguns conteúdos de geografia.

Percebe-se que a cola é algo frequente no Ensino Médio e na Educação Superior que mascara a verdadeira dificuldade do aluno. Indagou-se aos sujeitos desta pesquisa se conseguem observar a desonestidade no processo de cola realizado entre eles, os resultados podem ser observados no Gráfico 04.

Gráfico 4: Questionamento realizado aos alunos do Ensino Médio sobre a desonestidade na cola.



Fonte: Elaborado pela autora da presente pesquisa

Os alunos que não consideram a cola como desonestidade, acreditam que isso deve-se ao fato de a mesma ser utilizada durante o momento em que o aluno sente-se apavorado por não ter compreendido o conteúdo e não aceitar ficar com nota abaixo da média. Os que

acreditam no seu quesito desonesto, justificam que todos possuem capacidade de aprender e buscar ajuda para tal, não necessitando enganar-se através da fraude.

Considerando o fato de um acadêmico não ter respondido a este questionamento, metade dos estudantes da Educação Superior reconhecem que a cola é desonesta, afirmando que quem cola “*está enganando não apenas o professor, mas a si mesmo, se tornando um profissional pouco qualificado*” (Acadêmico 01) ou que a mesma “*não seja algo ‘certo’ de se fazer para conseguir progredir*” (Acadêmico 07). Os contrários defendem a ideia de que a cola não pode ser considerada desonesta, porque só ocorre devido à grande dificuldade dos alunos em algumas disciplinas e “*porque não é uma avaliação que irá determinar a honestidade de algo ou seja real capacidade de aprender*” (Acadêmico 06).

Autores como Freitas (2002), não consideram a cola como uma fraude devido ao amplo contexto em que está inserida, onde as falhas não dependem exclusivamente de uma única pessoa, mas de todo o processo educativo vigente. Neste contexto verificou-se a percepção dos alunos quanto a relação da cola com a corrupção, sendo que nesta questão novamente os alunos ficaram divididos. No Ensino Médio os que concordam que a cola é um ato corrupto afirmam que quando se pratica a fraude pega algo que não lhe pertence, mas sim ao intelecto de outro. No caso dos que não concordam, afirmam que “*nem sempre pois há aqueles que tem dificuldade e há aqueles que não se esforçam*” (Aluno A).

Os acadêmicos do curso de licenciatura em geografia também ficaram divididos e os que percebem a relação cola x corrupção, acreditam que ela induza os estudantes a cometerem novos erros. O aluno que cola acaba preso num círculo vicioso, e acaba sempre praticando a cola em várias fases da vida (BERNARDO, 2009). Defendendo a não relação, alguns afirmam que a cola é uma técnica de aprendizagem, por isso não pode ser considerada corrupta.

Isso é relativo, pois o simples fato de você colar não significa que você é corrupto, tendo em vista que a corrupção precisa prejudicar pessoas que não seja você (Acadêmico 05).

Todos os alunos do Ensino Médio conseguiram numerar consequências futuras decorrentes da prática constante da cola no período escolar. Em sua maioria, acreditam que os conteúdos que burlaram farão falta no futuro, e que terão dificuldades de aprender alguns novos conhecimentos que necessitam desses como base.

Os estudantes da graduação responderam ao mesmo questionamento, porém neste caso 33% dos entrevistados não acreditam que a cola lhes ocasione consequências, pois, de

acordo com eles, trata-se de mais um meio de aprendizagem. Alguns alunos chegam a afirmar que em todos os tipos de ensino existe a cola e que sempre existirá, pois quando o aluno sente alguma dificuldade acaba recorrendo a ela. Dos estudantes que numeraram as consequências, alguns afirmaram que caso haja a cola e o aluno não procure ajuda após para sanar tais dúvidas, mesmo com um certificado de graduação ainda assim será um profissional relapso e com falha de aprendizagem.

CAPÍTULO V

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da “cola” transcende a Educação Básica, sendo também praticada, em grande escala, na Educação Superior. A fraude escolar adquiriu uma vasta evolução, em técnicas e principalmente no psicológico estudantil, pois sempre repreendida, era algo que se praticava escondido tanto dos professores como dos colegas de classe. A “cola” virou motivo de vanglória perante a comunidade dos estudantes, sendo visto como errado aquele que se mantém contra a mesma.

A representação que as fraudes escolares mantem na sociedade, tendem a manter estrutura coercitiva sobre os alunos. Muitos são os indivíduos que omitem suas fraquezas através da cópia das respostas de outro, pois ser fraco e ter dificuldades viraram motivos de “chacota estudantil”. Tornou-se facilitador o manuseio da “cola”, sendo que passaram a existir vídeos na internet que demonstram passo a passo como produzir a cópia para utilização em processos avaliativos, sem ser pego.

Observando-se, tanto no contexto bibliográfico como nos resultados apresentados nesta pesquisa, que em grande parte o uso da “cola” justifica-se pelo pânico causado pela prova. Os alunos não aceitam a ideia de ficar abaixo da média exigida e acabam procurando meios ilícitos para tal. Em alguns casos os próprios professores desvinculam-se do verdadeiro objetivo da avaliação que é verificar o aprendizado dos alunos, para utilizá-la como objeto de controle sobre os mesmos, ocasionando o medo discente.

A relação docente e aluno é importante, pois esta pode auxiliar na construção do conhecimento significativo ou causar uma espécie de bloqueio, em que o aluno é incapacitado de formar um aprendizado concreto. O professor precisa observar à sua maneira de se portar, pois cabe a ele a responsabilidade de apresentar ao aluno as diversas formas de aprendizagem e de materiais com potencial.

Grande parte do corpo estudantil entrevistado possui um posicionamento favorável ao uso da cola, e sua percepção em relação a mesma, o desvincula da importância da aprendizagem. Verifica-se que não se importam em atribuir significados aos conteúdos, mas sim com a média que obterão. A mentalidade deve-se ao contexto histórico escolar que vivenciam, apesar de a escola visar a aprendizagem significativa, até mesmo os materiais

didáticos induzem a memorização. Os alunos pensam que basta guardar o conteúdo até o dia da avaliação e depois desta, já pode descartá-lo, então não aderem significados a eles.

A cola pode ser um dos obstáculos para o desenvolvimento educativo no país, mas que é deixada de lado, devido ser considerada um pequeno problema interno das escolas. Quando o aluno é promovido de uma série a outra subentende-se que ele adquiriu pelo menos parte dos conteúdos trabalhados na anterior, mas nem sempre isso acontece pois quando existe a prática constante da fraude, o conhecimento torna-se fragmentado, ocasionando dificuldades em aprender alguns conceitos por falta de base.

Na aprendizagem com significado é impossível a assimilação de novos conhecimentos sem um conjunto que sirva de base. Quando existe a fragmentação do aprendizado, a linha de conhecimentos torna-se descontínua, o que dificulta que o aluno consiga compreender significativamente os conteúdos seguintes. No momento em que percebe que não compreendeu os conteúdos, o indivíduo passa a recorrer a “cola” e assim mantém-se num círculo vicioso.

Acredita-se que a educação necessita de mais empenho, por parte da comunidade escolar em geral, pois a “cola” não é um problema individual, mas decorrente de falhas generalizadas. Percebe-se que os alunos não compreendem o que realmente é a fraude escolar e o que esta pode ocasionar a eles, pois em sua maioria a relacionam com o momento da avaliação. A cola não pode simplesmente ser repreendida, esta é uma técnica sem resultados e que acaba por ocasionar ampliação de seu uso, além de melhorias em suas técnicas para não ser detectada.

O trabalho não adentrou nas possíveis soluções para a “cola”, por ser uma sugestão para pesquisas futuras. Porém acredito que o primeiro passo para redução na prática da mesma seria auxiliar na conscientização do corpo estudantil, sobre os significados das atividades e das avaliações bimestrais, demonstrando a eles que não é apenas a nota de uma “prova” que o fará seguir adiante na vida escolar, mas seus conhecimentos adquiridos nas diferentes atividades desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio 1991.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWAMDSZADJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2002. p. 109-188.

BARREIROS, M. G.; GODOY, V. A. A Ilícitude no Processo de Avaliação de Desempenho dos Estudantes. *Revista Científica Int@ciência*. V. 03, n. 03, p. 66-85. Dez. 2011. Disponível em: <http://www.faculdadedoguaruja.edu.br/revista/downloads/edicao32011/ensaio3_Ilícitude.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **44 Cartas do Mundo Líquido Moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

BERNARDO, G. Quem cola sai da Escola? **Revista Eletrônica do Vestibular**. N. 05, 2009. Disponível em: < http://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=31>. Acesso em: 12 maio 2015.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2006.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. São Paulo: Yendis, 2008.

FREITAS, E. P. **Análise da “Cola” no Processo de Ensino-Aprendizagem**. Florianópolis-SC, 2002, Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós Graduação. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/82477>>. Acesso em: 12 maio 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

INNARELLI, P. B. **Fatores antecedentes na atitude de alunos de graduação frente ao plágio**. São Bernardo do Campo, 2011, Dissertação (Mestrado em Administração). Programa de Pós-Graduação em administração. Disponível em:

<http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2897>.
Acesso em: 10 out. 2015.

IOCOHAMA, C. H. Reflexões sobre a “cola” nas avaliações do curso de Direito e indicação de uma alternativa viável para sua superação. **Revista Ciência Jurídica**. V. 07, n.01, p. 25-40. Jan.-Jun. 2004. Disponível em: < <http://revistas.unipar.br/juridica/article/view/1317>>.
Acesso em: 08 maio 2015.

MADEIRA, M. C. **Sou Professor Universitário; e agora?**. 2 ed. São Paulo: SARVIER, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MATURANA, H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MASINI, E. F. S.; MOREIRA, M. A. **Aprendizagem Significativa: condições para ocorrência e lacunas que levam a comprometimentos**. 1 ed. São Paulo: Vetor, 2008.

Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa. São Paulo: FTD, 2001.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MURANO, E. **A Síndrome do “copia e cola”**. Língua Portuguesa. Ano 08, n. 93, Jul. 2013. Editora Segmento.

MORETTO, V. P. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula**. 4 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

PIMENTA, M. A. A.; PIMENTA, S. A. Fraude em Avaliações de Aprendizagens: Estudo comparativo entre o Nordeste e o Sudeste do Brasil. **Revistas UNIUBE**. 2011. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:bHO5VRDbERUJ:www.revistas.uniube.br/index.php/anais/article/download/436/456+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>.
Acesso em: 20 out. 2015.

RANGEL, M. O “Problema” da “Cola” Sob a Ótica das Representações. **Revista Brasileira Est. Pedag.** V. 82, n. 200/201/202, p. 78-88, jan. –dez. / 2001. Disponível em: <<http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/416>>. Acesso em: 17 abril 2015.

SANTOS, C. M. A avaliação e a cola na perspectiva do aluno. **Pátio: Revista Pedagógica**. V. 04, n. 12, 2000. P. 63-65. Porto Alegre: Artmed. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/arquivos/40000/40400/11_40485.htm>. Acesso em: 28 abril 2015.

SILVA, G. A.; ROCHA, M. M.; OTTA, E.; PEREIRA, Y. L.; BUSSAB, V. S. R. Um Estudo sobre a Prática da Cola entre Universitários. **Psicologia e Crítica**. V. 19, n. 01, p. 18-24, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722006000100004&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 abril 2015.

SILVA, J. C. X.; LEAL, C. E.; BRANDÃO, L. P.; LANES, S. M.; BARBOSA, L. F.; SANTOS, L. F.; CORRÊA, M. B.; PESSANHA, P. R.; AZEREDO, S. R.; FEJOLO, T.; SILVA, W. J.; ALVES, A. O Uso da Cola como Fator que Prejudica a Relação Ensino-Aprendizagem. **Ciência na Mão**. 2009. Disponível em: <http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=snef&cod=_ousocolacomofatorqueprej>. Acesso em: 17 abril 2015.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2009.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO (alunos do Ensino Médio)

() Feminino () Masculino Série: _____

1- Para você o que é a cola?

2- Quando ela ocorre na escola?

3- Qual sua opinião sobre a cola?

() Sou a favor () Sou contra

Justifique sua opção:

4- Alguém já lhe pediu cola?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Com você se sentiu nesse(s) momento(s)?

5- Você já passou cola?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Quando você passou cola para alguém, como se sentiu?

6- Você já colou em alguma disciplina?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Como se sentiu nesse momento?

7- Você já colou na disciplina de Geografia?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

8- Você já recebeu cola?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Como se sentiu nesse(s) momento(s)?

9- Quais motivos levaram você a recorrer à cola?

10- Você acha que o fato de ter colado durante o Ensino Médio pode te prejudicar no ENEM ou no vestibular?

() Sim () Não

Por que?

11- Caso optasse em cursar uma Faculdade de Geografia, você acha que o fato de ter colado durante o Ensino Médio poderia interferir no seu desempenho durante o curso?

() Sim () Não

Por que?

12- Em sua opinião, a pessoa que recebe cola sofre algum prejuízo?

() Sim () Não
Se sim, qual (is)?

13- Você vê a cola como um ato de desonestidade?

() Sim () Não
Por que?

14- Para você a cola é um tipo de corrupção?

() Sim () Não
Por que?

15- Como você vê no seu futuro as consequências da cola?

QUESTIONÁRIO (alunos do curso de Geografia)

() Feminino () Masculino Termo: _____

01- Por que você optou pelo curso de Geografia?

02- Para você o que é a cola?

03- Quando ela ocorre na Faculdade?

04- Qual sua opinião sobre a cola?

() Sou a favor () Sou contra

Justifique sua opção:

05- Alguém já lhe pediu cola?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Com você se sentiu nesse(s) momento(s)?

06- Você já passou cola?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Quando você passou cola para alguém, como se sentiu?

07- Você já colou no Ensino Médio?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Como se sentiu nesse momento?

08- Você acha que o fato de ter colado no Ensino Médio interferiu no seu desempenho durante o curso de Geografia?

() Sim () Não

Justifique

09- Você já colou na Faculdade?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Como se sentiu nesse momento?

10- Você já recebeu cola?

() Sim () Não

Se sim, com que frequência? () Sempre () Às vezes

Como se sentiu nesse(s) momento(s)?

11- Quais motivos levaram você a recorrer à cola?

12- Em sua opinião, a pessoa que recebe cola sofre algum prejuízo?

() Sim () Não

Se sim, qual (is)?

13- Você vê a cola como um ato de desonestidade?

() Sim () Não

Por que?

14- Para você a cola é um tipo de corrupção?

() Sim () Não

Por que?

15- Como você vê no seu futuro as consequências da cola?
